



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Mario;—*Idyllio chinês*, versos, por Eugenio de Castro;—*Nicolau Tolentino, em presença de novos documentos*, por Pinheiro Chagas;—*O Calvario*, (excerpto), por Octavio Mirbeau;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A Macaca*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Vicente Lino Patricio Alvares*;—*Visconde de Seabra*;—*Ponte de Valença do Minho*;—*Os macacos do jardim do Jacintho de Ambriz*;—*Philaréte Ouchka e os seus tres filhos*.

CHRONICA

Que diria Alcibiades, o mais formoso dos athenienses, se podesse volver á vida, descansar por um momento em Lisboa, e admirar a febre canicida com que a policia persegue os fieis rafeiros?

Elle, que amava tanto o seu cão, que o fez passar á historia, atravez de todos os tempos, de certo que havia de criticar severamente este *trop de zèle* policial, com que, n'um dado momento, os humanos se atiram aos cães, n'uma triste inversão dos respectivos papeis.

De repente, sem se saber como nem como não, a cidade, uma bella manhã, depois de lavar a cara, alisar as falripas, espreitar a visinhança, e comprimentar o sol, que muito tranquillo da sua vida, sahia de casa pela porta do Oriente, viu na rua um cão morder a inviolavel canella de um alfacinha, e satisfeita, exclamou batendo na testa, como quem encontra a solução de um problema de ha muito procurado: tenho hydrophobia em casa!

N'essa mesma noite, as gazetas alarmavam as tibias lisbonenses com a noticia de que percorriam a cidade diversos cães damnados, de caudas pendentes, focinhos buxos e olhares tetricos e ameaçadores, como os

de um policia civil ao lançar uma multa ao padeiro rival. O burguez, o burguez pacato e timido, que por medo ás bernardas é mais capaz de dar em paga de imposto a ultima camisa, do que ir ao comicio reclamar, foi ao quarto da cama, tomou o bengalão de canna da



VICENTE LINO PATRICIO ALVARES

India, legitima, com castão de chumbo, e ensaiou um golpe de Jarnac contra o gato da casa, que espavorido saltou sobre a commoda, atirando a terra com um menino Jesus de cera, e dois corações de jaspe crivados de... alfinetes.

Satisfeito com a arte e a pericia do ensaio, e crente de que igual sorte esperava o primeiro mastim que se lhe atravessasse em frente das canellas, sahiu n'essa noite com instinctos bellicos, e regressou a casa arrogante e confiado na sua coragem... Não encontrára cão algum!!!

Quem, porém, meditou muito sobre o caso, foi a policia e a camara municipal.

—Multas, pensou a primeira; e toda a noite, em sonhos, viu á cabeceira do leito um cão enorme, de bocca aberta, a vomitar dinheiro, a vomitar dinheiro, a vomitar dinheiro!

—Licenças, gritou a camara, acordando a bresaltada; e nas visões do seu pesadello, deu de face a um vereador enorme, a fazer licenças, a fazer licenças, a fazer licenças!

De caso pensado e rixa velha, a administradora dos bens da cidade e a guardadora dos mesmos bens, deram-se as mãos, e cahiram sobre o pacifico cidadão, mais temiveis e ferozes que os cães hydrophobos.

Contra o novo monstro esfaimado e inclemente, era inutil a grossa bengala de canna da India, legitima, do burguez pacifico e bom.

O mal foi então terrivel como uma maldição biblica ou um pregão de exterminio.

Quem tiver cão, paga; quem tiver cão e não tiver licença, paga; quem tiver cão e licença, paga; e a cordel, para dar bem nas vistas, como antigamente se procedia para com os recrutas do exercito, afim de que a população abrisse a bocca n'um ah!! de pasmo pelo cumprimento das ordens, foram levados presos para o governo civil algumas duzias de cães vadios sem domicilio certo, nem profissão conhecida.

Depois de apanhadas muitas licenças, pagas muitas multas e mortos alguns cães, a cidade, que tinha visto toda esta scena, fechou a janella, e tomando uma pitada murmurou:

—Ora graças a Deus, que já arranjei mais estes cobres!

Hoje estão todos convencidissimos de que os cães mordem, podem trazer as caudas pendidas e o olhar turvo, sem que por isso estejam hydrophobos.

Do que ninguem ainda se convenceu, é de que, para segurança das pernas de cada um, quem tiver cão e o traga açaimado, precise pagar licença...

Pois aqui é que está o busilis.

Licenças municipaes contra a hydrophobia, só em Lisboa!... Este remedio é muito antigo e usado em Portugal contra toda a especie de doenças—publicas.

Se fosse apenas multado quem trouxesse cão sem açaimo, perfeitamente de accordo; mas a esperteza da licença vale o peso d'um municipio inteiro com cães e tudo.

Abençoados cães que tão boas libras renderam em poucos dias! Abençoados!

*

No meio, porém, d'esta farça desopilante, a nota triste, aquella nota triste que é o reverso da medalha do espirito do *diable boiteux* do *Gil Blas*, veio ensombrar, como um *stratus* sangrento, o nosso ceu lisbonense de opera comica politica e administrativa.

Um pae, o pae de todos os tempos, de todas as sociedades, de todos os paizes e de todas as civilisações, embarrilado nos seus instinctos honestos e sacrosantos por um D. Juan tambem de todos os tempos, de todas as sociedades, de todas as civilisações e de todos os paizes, que a seu turno seduziu uma Ignez tambem de todas as supracitadas cousas e em duplicado, depois de rapar os tubos capillares da face, aquelles tubos que D. João de Castro empenhou para occorrer ás despesas da guerra, passou a lamina pelo assentador, e depois, como

as (1) *donas e donzellas de Chaul movidas d'um mesmo impulso*, passou-a pelo pescoço do desventurado D. Juan e com sangue, o sangue cavalheiresco e heroico de todos os offendidos, o pre-historico sabão Hudson dos paes dos antigos melodramas, poz em perigo de vida um futuro talento musical, um fanatico do trombone e do clarinete, e uma mocidade esperançosa, que promettia ao mundo não deixar acabar a raça.

Gemeram os prélos, a *reportage* amolou os seus adjectivos mais sentimentaes e bombasticos, o estylo chiou, á força de quererem forçar as lagrimas e a indignação publica, e afinal, no campo da pratica, da desillusão e do realismo, que é o mais positivo de todos os campos, os dois, offendido e offensor, foram recolhidos á enfermaria do hospital, e a causa verdadeira, aquella que se defendia e por causa da qual o sangue jorrou e um homem hade transpor as portas do tribunal e sentar-se no banco dos reus, essa existe, de pé, para sempre, sem que o crime e a hallucinação lhe deem remedio algum.

Eu, que sou alegre, eu que respeito e acato a maxima do illustre barão de Catanea, incommodo-me sempre que tenho conhecimento d'estas fatalidades sangrentas, em que a rasão, a justiça e a indignação, em vez de remediarem o mal feito, acabam por prejudicar e levar a vida do innocente queixoso.

Francamente, eu cá não me entendo senão com a politica.

Na politica, sim senhores; na politica é que se pode ser D. Juan, sem medo das navalhas de barba dos honestos paes de familia. Este anno, um deputado que pela vez primeira teve ingresso na sala das sessões, foi, sem mais nem mais, e longe da intervenção da policia e dos medicos do hospital, assassinado á entrada da porta, como qualquer traidor de sociedade secreta, e nem por isso os commissarios suaram, ou os tribunaes deram que fazer aos fieis de feitos.

E' no seio dos representantes da nação, esse seio mais fallado que o da loba que deu de mamar a Romulo e Remo, que, ao abrigo da lei e com geral applauso dos partidos, se pódem commetter as maiores iniquidades.

Eu, quando quero saudar os que sabem escapulirse dos codigos e seus appendices, grito sempre:

—Viva a politica!

MARIO.

(1) *Vida de D. João de Castro.*

IDYLLIO CHINEZ

A LUIZ GUIMARÃES

«Para possuil'a, o Imperador ter-lhe-ia dado uma casa d'oiro com grandes pavilhões de jade...»

Pé-Ku-Hi. Poeta chinez

«... sleep hath its own world,
«And a wide realm of wild reality,
«And deams in their developemen nove bearth,
«And tears, and tortures, and the touche of joy.»

BYRON.

Quando eu andei a viajar na China
Vi uma vez, n'uma janella d'oiro,
Certa chinesa loira e pequenina
Como um doirado e tremulo beixoiro.

Na curva gentilissima e singella
Do seu penteado artistico e ligeiro,
Abria-se ao luar, como uma estrolla,
Uma rosada flor de pecegueiro.

Vinha rompendo a lua còr de prata:
E aquella doce e lyrica chinesa
Ouvia ao longe a mystica sonata
Dos cormorans—os poetas da tristeza...

E ouvindo aquella estranha symphonia
Que era da morte o funerario agoiro,
O seu olhar azul estremecia
Sob as obliquas sobranceiras d'oiro.

N'isto cahiu á rua. mansamente,
A flôr das suas tranças luminosas:
Eu apanhei a flôr... e, doidamente,
Puz-lhe um beijo nas folhas melindrosas.

E a chinezinha etherea e palpitante
D'aquelle beijo ao limpido rumor,
Fitou-me do seu lucido mirante
Com um sorriso a palpar d'amor...

I I

Ella fugiu-me: e então fui-me afastando,
Sentindo n'alma as musicas mais bellas,
E ora olhando p'ra traz, ora contando
As desmaiadas, mysticas estrellas.

Indaguei quem seria a estranha flôr
Que repousára o seu olhar em mim,
E respondeu-me alguém que o meu amor
Era a filha de um nobre mandarim.

E um poeta de tunica ondulante
Segredou-me, tambem, que a flôr divina
Tinha os pés mais graciosos do que a amante
De Tsom-Ki-Tong, Imperador da China...

E depois de já estar bem informado
Sobre a sua elevada posição,
O meu olhar perdido e desvairado
Nunca mais se afastou do seu balcão.

E afinal, n'uma noite constellada,
Vencendo a minha grande timidez,
Enviei á chinezinha delicada
Um lindo madrigal feito em chinez.

E ao outro dia a branca flôr suave
Correspondendo ao madrigal galante,
N'um cofre de xarão mandou-me a chave
Do seu pequeno e lucido mirante.

I I I

N'essa noite gentil, noite d'amor,
Quando o luar surgia com tristeza,
Já eu me achava no balcão em flor
Beijando as mãos da lyrica chinezinha.

O sol tinha morrido no poente
Ensanguentando as tunicas do mar:
E pelo azul, religiosamente,
Os cormorans seguiam a cantar...

E enquanto aquellas aves luctuosas
Iam soltando uns funebres harpejos,
Nós diziamos coisas mysteriosas
Na linguagem purissima dos beijos...

Então, eu segredei-lhe: «O' minha flor,
«Minha Lesbia de tranças luminosas,
«Havemos de guardar o nosso amor
«N'um palacio de pedras preciosas!

«E n'um extasi ardente e sem limite,
«N'esse grande palacio esculptural,
«Tu has-de-me apparecer como Aphrodite
«Emergindo das grutas de crystal!»

E ella, antevendo as seducções divinas
D'esses sonhos chymericos, radiosos,
Entreabria seus labios veludosos,
Como duas cerejas pequeninas...

N'isto, uma ideia tremula e fugace
Encheu-a de uma subita tristeza,
Como nuvem ligeira que enluctasse
Do ceu azul a mystica pureza...

E ella, a chinezinha timida e galante,
Cruzando as mãos no peito semi-nú,
Disse-me então: «O' filho, ó meu amante,
«Se eu te morresse, o que farias tu?...»

E a soluçar, eu respondi-lhe então:
«Quando a Morte vier, funebremente,
«Das taboas do teu lugubre caixão
«Hei-de fazer uma guitarra ardente!

«Depois, ó fina flor dos meus disvellos,
«No meio de um cruel desvairamento,
«Cortarei os teus lucidos cabellos
«Para fazer as cordas do instrumento.

«E em noites de radiante lucidez
«Eu vibrarei as cordas musicas,
«Emquanto tu me has de escutar, talvez,
«Na habitação dos Deuses Immortaes!»

I V

Ia brilhando a lua cór de prata,
E aquella dóce e lyrica chinezinha,
Ouvia ao longe a mystica sonata
Dos cormorans—os poetas da tristeza...

E ao resplendor purissimo da lua
Desenrolou as tranças resplendentes,
Que lhe cahiram pela espadua núa
Como um feixe de lucidas serpentes...

Então, n'uma tristeza amargurada,
Cravando em mim o seu olhar divino,
Ella arrancou da trança emaranhada
Um radioso cabello diamantino.

E a tremer e a chorar n'um doido anhello,
E mergulhada em commoções nervosas,
Enfiou n'esse lucido cabello
As suas finas lagrimas piedosas.

E á luz do seu olhar tremulo e dóce,
Todo cheio de raios scintillantes,
Esse collar de pranto transformou-se
N'um rosario de vividos diamantes...

V

Vinha rompendo ao longe a madrugada:
E a loura chinezinha olhando os ceus,
Abraçou-me a tremer, hallucinada,
E murmurou esta palavra: «adeus!»

Então eu dei-lhe o derradeiro beijo
Nos seus redondos braços de marfim;
Ah! santo Deus! parece que'inda a vejo
A soluçar, a soluçar por mim!

Morriam pelo azul os astros bellos
Como saudosa e triste caravana:
E muito ao longe viam-se uns castellos
Com zimbórios de jade e porcelana...

Ia morrendo a lua... Ella chorava:
Então sahi do seu balcão em flôr,
Emquanto ao longe um passaro cantava
Gloriosamente uma canção d'amor!

Vinha rompendo luminoso o dia...
Então parti... e ella ficou absorta...
E quando eu regressei ao outro dia,
Pobre de mim, fui encontra' a morta!

V I

Hoje d'essa chinezinha d'olhos bellos
Tenho como final recordação,
A guitarra que fiz do seu caixão
E cujas cordas são os seus cabellos!

O' rei de Thul! ó velho heroe antigo
Da antiga lenda encantadora e triste,
Eu quero ser agora o teu amigo
Porque senti a dôr que tu sentiste!

A ti morreu-te a languida princeza
Que te deixou a taça resplendente:
E a mim morreu-me a languida chinezinha
Que me deixou esta guitarra ardente!

A sorte que nos fez tão desgraçados,
Fez agora de nós uns bons irmãos:
Sejamos pois amigos dedicados
E apertemo-nos muito as nossas mãos!

Celebremos a nossa desventura
Velho rei desgraçado como eu!
E na tua gelada sepultura
Arranja-me um logar ao pé do teu!

E quando en vir a Morte, a flor bisarra
Acenando por mim, no claro azul,
Então hei de quebrar esta guitarra
E hei-de abraçar-me a ti, ó rei de Thul!

Lisboa, 31 de outubro de 1886.

Nicolau Tolentino em presença de novos documentos

II

Nicolau Tolentino de Almeida, o grande poeta satyrico em cujas obras se encontra fielmente descripta a comedia burgueza do seculo XVIII em Portugal, nasceu em Lisboa no dia 10 de setembro de 1740, como se prova pela certidão de baptismo, que a 17 de março de 1868 foi passada pelo prior da freguezia dos Anjos, Antonio Gaspar Borges. Note-se que a certidão do baptismo declara que Nicolau Tolentino nasceu no dia 9, mas o manuscrito da irmã do poeta afirma que Nicolau Tolentino nasceu alguns minutos depois de dar a meia noite; logo, nasceu já no dia 10, e o que prova que effectivamente a familia sempre considerou o dia 10 de setembro como o dia natalicio do poeta, é que effectivamente é no dia 10 que a Igreja celebra a festa de S. Nicolau Tolentino, cujo nome por isso foi dado á criança, que tanto tinha de o popularisar.

Nicolau Tolentino era filho do advogado José de Almeida Soares, que se formára em canones na Universidade de Coimbra, e, sendo natural de Ourem, viera residir para Lisboa, afim de exercer aqui a advocacia na casa da supplicação e nos auditorios ecclesiasticos. Ainda em Ourem casou na ermida da quinta de S. Gens, com uma prima affastada, D. Thereza Froes de Brito. Tinha elle 24 annos e sua mulher 21, e de casarem tão novos lhes proveio um enxame de filhos, que foram D. Anna Thereza, Antonio Placido, D. Joaquina, Nicolau Tolentino, D. Rita, D. Jeronyma e Francisco de Paula.

Nobrememente apparentado, José de Almeida Soares parece que procurou em Lisboa o bairro, onde estivesse mais proximo dos seus, e em 1740, quando Nicolau Tolentino nasceu, morava elle na calçada de Santo André, na casa que tem hoje os n.ºs 26, 28 e 30, e que vem reproduzida em gravura no folheto do sr. Sanches de Baena. E' uma casa de tres andares e aguas-furtadas, que tem no *rez-de-chaussée* uma loja qualquer. Foi ali que soltou os primeiros vagidos o homem que devia ter depois no mais alto grau o dom do riso.

A 13 de setembro baptisou-se na igreja dos Anjos o pequeno, de quem foi padrinho o padre Belchior da Fonseca Souto-Maior, como procurador do filho primogenito do conde de Villa-Flor, que depois lhe succedeu no titulo.

E' incontestavel que nunca houve em casa dos paes de Nicolau Tolentino a baixa pobreza a que o poeta se refere nos seus versos, e, ainda que não tomemos ao pé da letra a declaração de que José de Almeida Soares vivia limpa e abastadamente, declaração feita no processo que se instaurou para se habilitar o advogado a ser familiar do Santo Officio, é certo que não nadavam em riqueza, porque, a não serem de veras opulentos, a numerosa familia que tinham os forçaria a não atirarem o dinheiro pelas janellas fóra; comtudo, viviam bem. Na habilitação do proprio Nicolau Tolentino para cavalleiro de S. Thiago se diz que elle e seu pae se tratavam nobrememente. O que é bem possivel é que, para viver á lei da nobreza, o pae excedesse as suas posses. Parece que o pae de Nicolau Tolentino tinha bons rendimentos provenientes da advocacia, mas não era rico. O mesmo sr. visconde de Sanches de Baena o declara quando diz que, tendo José de Almeida descurado um pouco os negocios da advocacia em 1767, quando lhe morreu a mulher, com isso lhe mingüaram os recursos, e Nicolau Tolentino teve de interromper os seus estudos na Universidade.

Parece-nos justo que não passemos de extremo a extremo, e que não vamos suppôr que os paes de Nicolau Tolentino eram uns Rothschild, só porque se diz, no processo de habilitação de José de Almeida para familiar do Santo-Officio, que viviam limpa e abastadamente, e no processo de habilitação de Tolentino para cavalleiro de S. Thiago que se tratavam nobrememente. Que Tolentino exaggera extraordinariamente, e pode dizer-se impudentemente, a situação da sua familia, é incontestavel; mas que a pintasse como pobrissima, quando ella era opulenta, não pode ser tambem.

Seria n'esse ponto que de muito nos valeria o famoso manuscrito da irmã do poeta. Ella é que nos podia explicar o que se passava em casa de seus paes, e se realmente o sr. visconde de Sanches de Baena tem completa e absoluta razão quando investe energicamente com o poeta, chamando-lhe embusteiro, e declarando-se revoltado com o tecido de invenções de Nicolau Tolentino quando falla de sua familia.

Dir-nos-hão os leitores que no nosso primeiro artigo nos mostrámos completamente da opinião do sr. visconde de Sanches de Baena, e que estamos agora fazendo as nossas reservas. E' verdade, e não teria desculpa essa contradicção se não se dêsse em artigos de jornal, escriptos á medida que vão sendo reclamados pela imprensa, e não compostos no seu conjuncto, revistos e pensados, antes de começarem a publicar-se.

O que é certo é que lemos e relemos a memoria do sr. Sanches de Baena, que meditámos os documentos por elle publicados, e que saímos d'essa leitura e d'essas meditações com a convicção de que Tolentino, á força de peditorio, e de supplicas e de choroadeiras, chegára a juntar o que se pode chamar uma verdadeira riqueza, porque chegou a ter um rendimento de tres contos annuaes, o que equivale hoje a seis ou talvez a nove; mas não ficamos igualmente convencidos com relação ao bem estar dos pais de Nicolau Tolentino.

O que é que o prova? A certidão de que vivia limpa e abastadamente, e outra de que se tratava nobrememente? Não é tudo isto conciliavel com a sua situação um pouco angustiosa?

Não ha um unico documento que nos prove que José de Almeida Soares tivesse mais do que os seus proventos de advogado, e em 1744 via-se com sete filhos ás costas, tendo o mais velho dez annos. Seis annos depois, em 1750, deviam ser pesados os encargos do chefe de familia. D. Anna estava uma senhora, Antonio Placido tinha quinze annos e estudava em Coimbra. Nicolau provavelmente começava a frequentar a aula d'aquelle sujeito que era um poço de tabaco e de sciencia; tinha seis annos o mais pequeno, e tudo aquillo comia, vestia e precisava de ser educado. Alem d'isso, a fidalguia tinha as suas exigencias, e José de Almeida Soares queria que se dissesse d'elle que se tratava nobrememente, que constava que vivia limpa e abastadamente, e, para fazer face a tão avultadas despezas, não nos consta que tivesse José de Almeida outra receita que não fosse a dos seus proventos de advogado.

Ora de repente, seu filho Antonio Placido, que acabára os preparatorios e que frequentava a Universidade, atira com a batina ás ortigas, senta praça de soldado e parte para a India. Porque? Porque foi levado, diz o sr. visconde de Sanches de Baena, por uma irresistivel vocação para a vida militar. Seria irresistivel a tal inclinação, mas o que é certo é que d'ahi a cinco annos encontramos Antonio Placido frade n'um convento de Goa. Singular vocação é esta que se apaga com cinco annos de exercicio, e singular organização de homem que, estando em Coimbra, longe do bulicio das armas, longe das seducções do uniforme, sente um irresistivel desejo de ir servir na India, mesmo como soldado raso, e que depois na India, no meio de uma sociedade guerreira, quando as armas portuguezas, graças ás vicorias do Marquez de Alorna, tinham readquirido o antigo brilho, um pouco embaciado no decurso dos dois ultimos seculos, sente um irresistivel pendor para a vida monastica e atira com a farda para o inferno, para ir vestir o habitol

E que pensará José de Almeida Soares da cabeçada do filho, que em Coimbra abandonára os estudos auspiciosamente começados, porque estudára em pouco tempo os preparatorios, para ir sentar praça de soldado, e abandonar seus paes partindo para o Ultramar?

Desespera-se, afflige-se, nega o seu consentimento?

Não sabemos, mas não parece. O que vemos é que o soldado entusiasta não se esquece de requerer o habito de Christo com a tença de 30\$000 réis, que se dava aos nobres que queriam ir servir na India.

Essa precaução não se coaduna muito com os bellicos enthusiasmos de Antonio Placido, que até por infortunio tinha um nome bem pouco guerreiro, e faz-nos suspeitar que o que não lembrára ao estudantinho de quinze annos lembrára, de certo ao advogado de quarenta e dois; e portanto fóra com o consentimento paterno, e talvez a instancias do pae, que o estudante da Universidade tomára a resolução de abandonar o curso que seguia e de tentar as aventuras da carreira militar.

Seria o pae levado a isso pela couvicção que se formasse no seu espirito de que o filho não tinha talento para tirar partido dos seus estudos, e pela idéa de que mais lhe valia ser bom soldado do que mau jurista? Isso tambem não parece razoavel. Em primeiro lugar, um rapazinho que aos 13 annos já tinha completos os preparatorios e já frequentava a Universidade, não parecia um estudante muito mau; em segundo lugar, o proprio sr. visconde de Sanches de Baena nos diz d'elle o seguinte:

«Foi um dos mais celebres missionarios do seu tempo, e, vindo parar em Manilha, foi ali interprete das linguas franceza, malabar e mogol.

«O rei de Hespa ha, attendendo á fama das suas virtudes e do muito saber de que tinha dado provas, nomeou-o capellão-mór da sé de Manilha e em 1766 capellão-mór do seu exercito.

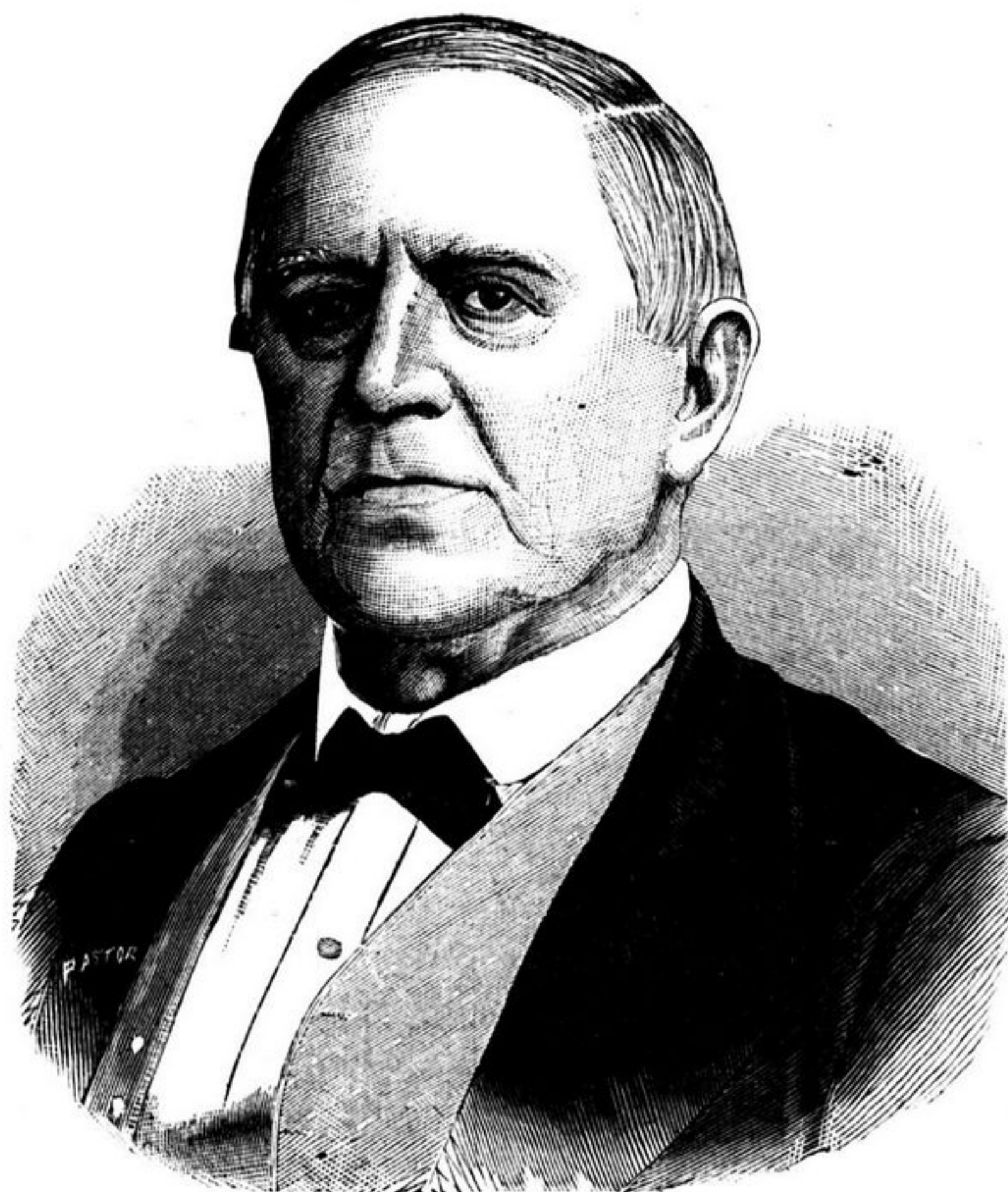
Foi o mais talentoso e o mais respeitavel de todos os seus irmãos.»

Logo, Antonio Placido não sentou praça de soldado e não partiu para a India por um irresistivel pendor para a vida militar, porque tão pouco irresistivel era esse pendor e tão pouco forte a sua vocação, que, cinco annos depois da sua partida, este soldado entusiasta estava frade do convento da Madre de Deus em Goa, com o nome de fr. Antonio da Conceição.

Não o mandou seu pae por ver que elle não podia fazer carreira pelas letras, porque, pelo contrario, era homem de verdadeiro talento, e foi pena que elle assim deixasse a Universidade, onde tão brilhante figura estava destinado a fazer.

Então porque foi?

Não seria por estar sendo a sua educação um onus para seu



VISCONDE DE SEABRA

pae, e ser necessario que elle começasse a ganhar a vida, em vez de continuar a viver a custa da bolsa paterna?

Parece-nos que sim, e isso prova-nos que Nicolau Tolentino não mentia tão redondamente como á primeira vista parece, quando fallava da pobreza de seus paes. Quem sabe os sacrificios que elles fariam e as privações a que se sujeitariam na vida intima, para conservarem essas exterioridades de trato fidalgo e de vida abastada de que se falla nas certidões para habilitação!

Vae Nicolau Tolentino para Coimbra, e depois de completar os preparatorios, matricula-se na faculdade de leis, em outubro de 1760. Continua o curso sem interrupção até ao anno de 1765. Matricula-se ainda n'esse anno, mas parece que não chegou a concluir o anno, porque em 1766 já se não matricula.

Diz o sr. visconde de Sanches de Baena que o levou a interromper o curso a morte de sua mãe, e o desgosto que d'ahi proveio a seu pae, desgosto que se traduziu nos lucros cessantes da sua carreira de advogado. Mas a mãe de Nicolau Tolentino morreu em 1767, e em 1766 já seu filho se não matriculou na Universidade. Não quereria isso dizer que a doença da mãe já alterára o equilibrio orçamental da casa de seu pae, e lhe tornára impossivel sustentar seu filho em Coimbra?

Não é tambem uma prova não da pobreza mas da *não riqueza* de José de Almeida Soares o facto de ter renunciado n'elle seu filho Antonio o habito de Christo com a tença de 30\$000 réis que lhe andava annexa, quando tomou o habito religioso no convento da Madre de Deus? Se o pae fosse opulento, não era natural que o frade desse esse presente a algum de seus irmãos ou de suas irmãs, porque as mulheres podiam receber as tenças dos habitos?

Já vêem que Nicolau Tolentino vae parecendo menos negro. Continuaremos.

PINHEIRO CHAGAS.

O CALVARIO

VI

(excerpto)

O meu pensamento refugiava-se sem cessar nas preocupações vulgares, e eu sonhava sonhos penosos, vivia vidas dolorosas...

Julietta!...

Amava-a eu?...

Repetidas vezes, esta pergunta erguia-se diante de mim, preme de uma duvida terrivel.

Não teria eu sido o ludibrio de uma surpresa dos sentidos?...

O que eu tomara por amor, não seria a ephemera e fugitiva revelação de um prazer ainda não gosado?...

Julietta!...

De certo que a amava...

Mas essa Julietta que eu amava, não seria aquella, creada por mim, nascida da minha imaginação, saida do meu cerebro, aquella a quem transmittira uma alma, uma chamma divina, aquella que modelára com a ideal carne dos anjos?...

Quem sabe se eu não a amaria como se ama um bello livro, um bello verso, uma bella estatua, como a realisação visivel e palpavel de um sonho de artista?...

Mas a outra Julietta!... a que estava alli?... Esse bonito animal inconsciente, esse *bibelot*, esse pedaço de seda, esse nada?...

Contemplava-a attentamente, em quanto ella polia as unhas!

Oh! quereria poder perfurar esse craneo e sondar-lhe o vacuo, abrir esse coração e medir-lhe o nada! E dizia a mim mesmo:

«—Que existencia será a minha com esta mulher que só gosta do prazer, que só se deleita com os trapos, com esta mulher da qual cada desejo custa uma fortuna, que a despeito da sua apparencia casta, vae para o vicio instinctivamente, que de um dia para o outro, sem saudade, sem uma lembrança, deixou esse miseravel Malterre; que me deixará amanhã, talvez; com essa mulher que é a viva negação das minhas aspirações, das minhas admirações; que nunca, nunca entrará na minha vida intellectual; com essa mulher, enfim, que já pesa na minha intelligencia, como uma loucura, sobre o meu coração, como um remorso, sobre mim, como um crime?...»

Tinha vontade de fugir, de dizer a Julietta: «Saio, mas voltarei d'aqui a uma hora», e de não voltar nunca mais a essa casa cujos tectos me suffocavam, como as tampas de um caixão, onde o ar me asphixiava, onde os proprios objectos inanimados pareciam dizer-me: «Vae-te embora!»

Pois bem, não... Amava-a! E era essa Julietta que eu amava, e não a outra, que partira para onde vão as chimeras!

Amava-a com tudo o que constituia o meu soffrimento, amava-a pela sua inconsciencia, pelas suas futilidades, pela perversão

que adivinhava na sua natureza; amava-a com esse torturante amor das mães pelo filho doente, pela creança aleijada.

Encontraram alguma vez, em um gelido dia de inverno, acorçada no angulo de uma porta, uma pobre creatura com os labios gretados, batendo o queixo, a pelle arripiada sob o fato esfarrapado?

E se a encontraram, não sentiram invadir-lhe a alma uma piedade pungente, não experimentaram o desejo de levantá-la, de aquecê-la, de dar-lhe de comer, de cobrir os seus membros tremulos com vestidos quentes?

Era assim que eu amava Julietta; amava-a com uma piedade immensa... oh! não se riam!... com uma piedade maternal, uma piedade infinita.

—Então nós não saímos, meu querido?... Seria tão bom ir dar um giro pelo Bosque.

E, fitando o papel branco, onde eu não escrevera uma linha:

—Tudo isso?... Verdade!... não te fatigaste... E eu que fiquei para te fazer trabalhar! Oh! é evidente que não chegarás a nada... E's muito mole!

Algum tempo depois, sabíamos todos os dias e todas as noites.

Não resistia, quasi feliz por me subtrahir aos mortaes desgostos, ás reflexões desesperadas, suggeridas pelo nosso quarto, pela visão symbolica do velho, e a mim mesmo... Ah! sobre tudo a mim mesmo!...

Na multidão, no ruido, n'essa vertigem febril da existencia, esperava achar um esquecimento, um adormecimento dominar as revoltas do meu espirito, fazer calar o passado, cuja voz, ouvia, no fundo do meu ser, gemer e chorar.

E visto que me era impossivel levantar Julietta, tinha de descer para chegar onde ella estava.

As serenas alturas onde resplende o sol, que subira lentamente, á custa de tantos esforços, descel-as-hia de chofre, em uma queda instantanea, irremediavel, muito embora despedaçasse a cabeça contra as pedras; ou desaparecesse em um abysmo de lama.

Não se tratava de fugir.

Se, por acaso, essa idéa atravessava ainda as brumas do meu cerebro, se no desvario da minha vontade avistava, cada vez mais longiqua, uma estrada de salvação, onde o dever parecia chamar-me, para esquivar-me a tal idéa, para não correr para a estrada, prendia-me a falsos escrupulos de honra...

Podia eu deixar Julietta! eu, que exigira que ella abandonasse Malterre?

Se partisse, que seria d'ella?... Mas não! não! mental! Não queria deixá-la, porque a amava, porque tinha dó d'ella, porque...

Não seria a mim mesmo que eu amava, e de mim que eu tinha dó?...

Ah! não sei! não sei!...

Assim, não creiam que o abysmo em que me despenhei me surpreendesse bruscamente...

Não creiam!

Vi-o de longe, vi a sua cova negra e horrivel, e corri para elle...

Curvado, aspirei o cheiro infecto do lodo de que está cheio, e disse: «E' ali que caem, que resvalam os destinos pervertidos, as existencias perdidas: nunca mais se sobe, nunca mais!»

E precipitei-me...

OCTAVIO MIRBEAU.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 23 DO 3.º ANNO)

IV

Era uma vez um Fonseca!

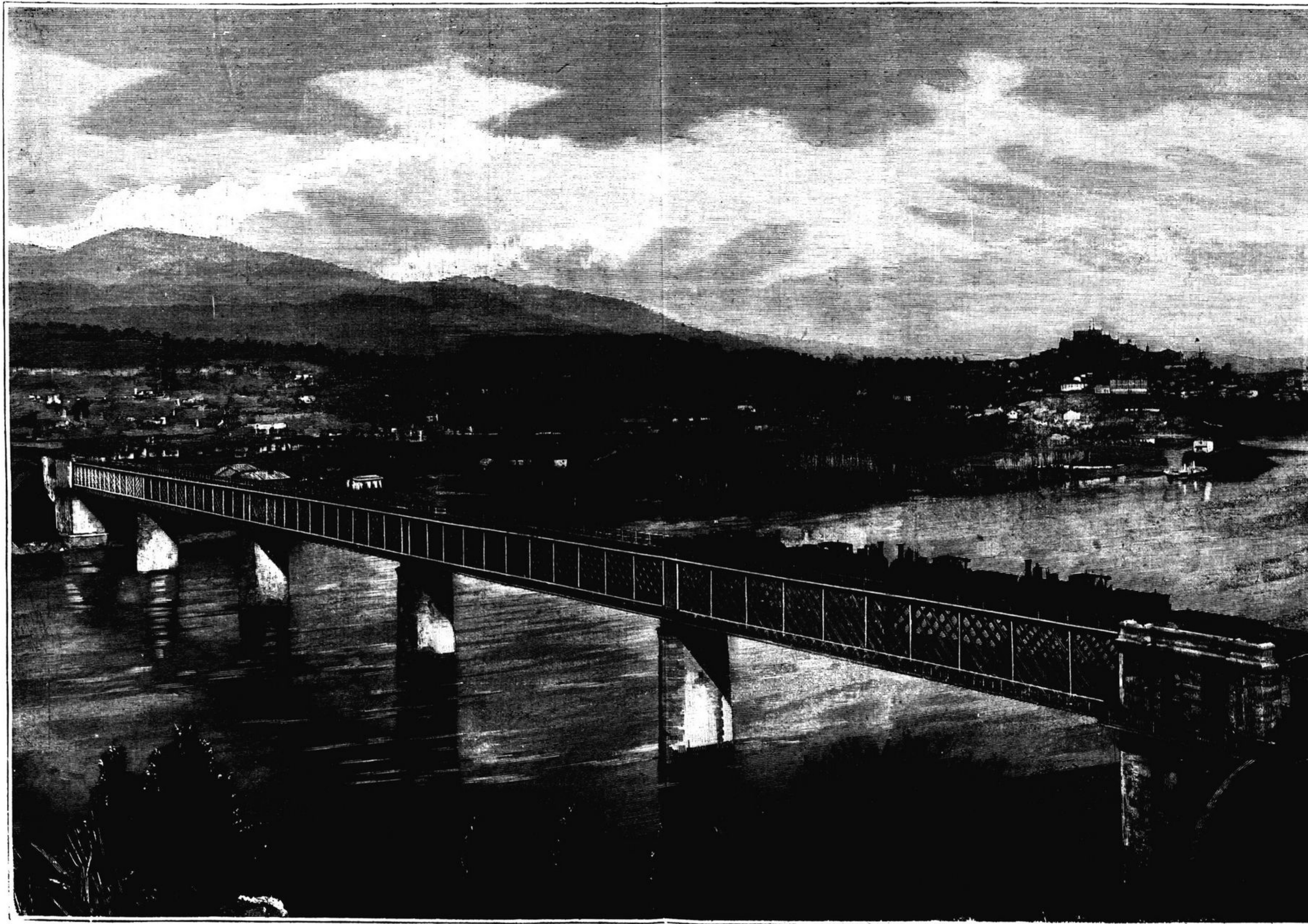
Dias depois do jantar offerecido ao ministerio, o conselheiro Fonseca era procurado pela manhã cedo, em sua casa, com grande urgencia, pelo seu collega do Reino e pelo presidente do conselho.

—Meu caro collega, disse-lhe este, mal o Fonseca entrou na sala.

—Vimos-lhe communicar uma noticia grave, e pedir o seu valioso conselho...

—E mais alguma cousa do que isso, accrescentou o Silveira, o ministro do Reino...

—Mais alguma cousa? perguntou o Fonseca, fazendo-se admir-



PONTE DE VALENÇA DO MINHO

rado, pois sabia perfeitamente do que se tratava e o que queria dizer aquella visita matutina.

—Exactamente, explicou o presidente do conselho, vimos pedir-lhe o seu conselho e a sua coadjuvação...

—Ora essa, podem contar com ella sempre, garantiu muito amavel o conselheiro Fonseca.

—Mesmo tratando-se d'um sacrificio seu, não é assim? disse o conselheiro Malaquias.

—Um sacrificio?

—Sim, affirmou o Silveira.

E voltando-se para o presidente do conselho, o ministro do Reino lembrou:

—E' melhor contarmos-lhe tudo, hein?

—Já se vê que sim, e foi mesmo para isso que nós o viemos incommodar a estas horas.

—Incomodar, ora essa! protestou o conselheiro Fonseca, um ministro deve-se sempre ao seu paiz, não tem horas de descanso.

—Pois meu caro collega, principiou a contar o conselheiro Malaquias, as noticias que recebemos hoje do estrangeiro são graves.

—Ah! sim? então a questão do Oriente...

—Complica-se, complica-se d'um modo assustador, participou o Silveira.

—A Inglaterra toma uma attitude energica, continuou o presidente do conselho, e por isso, dadas as circumstancias actuaes...

—E as futuras, acrescentou o Silveira, porque quem sabe o que um futuro, e talvez um futuro bem proximo reservará, á Europa.

—Exactamente, as circumstancias actuaes e aquellas que ellas fazem prever, dão uma importancia excepcional á nossa embaixada em Londres.

—D'accordo, d'accordo, appoiou o conselheiro Fonseca, ella sempre é importante.

—A mais importante de todas as nossas embaixadas, encaixou o Silveira.

—E' importantissima nas circumstancias normaes, continuou o Fonseca, quanto mais agora...

—Exactamente, já vejo que está d'accordo comosco, como no fim de contas não podia deixar d'estar a importancia da nossa embaixada na côrte de Londres é evidente.

—Evidentissima, concordou o Fonseca.

—Que se mette pelos olhos dentro, reforçou o conselheiro Silveira.

—E agora, com a mão na consciencia, diga-nos, pediu o presidente do conselho, diga-nos se entende que o nosso ministro em Londres, o Roldão, está á altura d'esse importante cargo.

—Não preciso pensar muito para responder, tornou o Fonseca; não está; está muito longe de corresponder ás exigencias da sua missão, mesmo nos tempos usuaes, quanto mais agora.

—Quanto mais agora! exactamente, repetiu radiante o presidente do conselho; foi isso mesmo, palavra por palavra, que nós dissemos quando ind'agora recebemos as noticias da guerra do Oriente.

—E então?

—Então, é necessario é indispensavel, transferil-o já para outra parte, substituil-o por pessoa mais competente, por quem esteja á altura do espinhoso cargo.

—Pois sim, disse o Fonseca, mas quem hade ser essa pessoa? onde vão os senhores encontrar esse homem? perguntou o Fonseca.

—E' difficil, bem sabemos, disse o Malaquias.

—Difficilimo, appoiou o Silveira.

—Ora ahi está o embaraço serio! tornou triumphante o Fonseca.

—Mas já o encontrámos, communicou confidencialmente o presidente do conselho.

—Já? perguntou o Fonseca fazendo-se muito surprehendido, pela felicidade que tinham tido os seus collegas.

—Já, o caso está em elle querer acceitar a missão.

—Isso ha de querer; é uma missão honrosissima, de muita importancia, disse o Fonseca.

—Temos essa esperanza e por isso é que aqui viemos, disse o Malaquias.

—Mas quem é esse homem? perguntou o Fonseca; eu, francamente, não o vejo, a não ser o marquez da Ribaldeira, ou o Sanchez de Mascarenhas...

—Nada, muito melhor do que esses.

—Então não sei, tornou muito ingenuamente o Fonseca, depois de pensar um bocado, desenvolvendo uma bella arte de comediante.

—E' você, meu caro Fonseca, disse-lhe finalmente o Silveira.

—Eul exclamou estupefacto o conselheiro Fonseca.

—O senhor mesmo! certificou o presidente do conselho! sei que é um grande sacrificio o que lhe peço, mas sacrificio tambem nós fazemos em nos privarmos da sua companhia no ministerio, em perdemos o nosso collega, mais querido e mais illustre—mas perdemos-o para o dar á patria, que reclama as suas altas capacidades, os seus importantes recursos.

—Mas os senhores estão doidos, disse o Fonseca com uma grande bonhomia; primeiro, eu não sou nem nunca pensei em ser um diplomata...

—Pois sim, mas tem um tacto politico que vale pela mais brilhante carreira de embaixador.

—E depois, hei de deixar a minha casa, o meu paiz?...

—E' um sacrificio pelo Estado, meu amigo, um sacrificio pelo paiz; e o senhor, como ministro, tem que dar o exemplo d'esses sublimes sacrificios, d'essas dedicadas abnegações.

—E demais a mais agora, que estava preparando as minhas medidas de fazenda, insistiu o conselheiro Fonseca.

—De lá mesmo, de Londres, pode, se quizer, continuar a aconselhar-nos no andamento dos negocios; naturalmente, quem vae para a pasta da Fazenda sou eu, interinamente, porque a sua substituição é difficil, senão impossivel.

—Ora adeus! disse o Fonseca modestamente.

—Pois então, está tratado, hein? Hoje á noite reunimos em conselho, e então combinaremos tudo, na certeza de que o senhor vae para Londres e quanto antes, por estes dias, porque é indispensavel lá...

—Veremos, veremos, ainda hei de pensar, objectou o conselheiro Fonseca.

—Qual pensar nem meio pensar! resolveu logo o Silveira, está pensado e mais que pensado. Demais a mais, você até precisa, para a sua saude, sahir de Portugal.

—Lá isso é verdade! Todos os medicos me teem dito.

—Vê? faz um serviço ao paiz, a nós e a si proprio. Até á noite, e está decidido; hein?

—Está, está, affirmou o presidente do conselho, apertando a a mão ao Fonseca.

—Veremos, veremos, insistiu ainda o ministro da Fazenda, acompanhando até á porta os seus collegas.

Elle estava decidido e mais do que estava.

N'essa noite reuniu-se o conselho. O conselheiro Fonseca ainda oppoz certa resistencia a acceitar o cargo de ministro em Londres, exactamente para que insistissem, para que dessem maior importancia ao seu serviço, e por fim, no meio de aclamações entusiasticas dos seus collegas no gabinete, disse que sim, que visto entenderem todos que era necessario o elle sacrificar-se, que se sacrificava e ia para Londres.

No dia immediato, o *Diario do Governo* trazia o decreto da demissão dada a seu pedido, ao conselheiro Fonseca, do cargo de ministro e secretario d'Estado dos negocios da Fazenda.

A noticia fez sensação no paiz, e toda a gente tratou logo d'indagar os motivos porque o Fonseca pedira a sua demissão.

Os jornaes do governo encarregaram-se porém, logo de explicar aquella demissão, contando com amplos elogios e entusiastica glorificação, que encontraram muito echo cá fóra, o acto sublime de abnegação e de dedicação d'esse homem, que deixava a sua cadeira de ministro para ir para o estrangeiro servir Portugal, n'uma missão espinhosa e difficil que reclamava a sua alta capacidade e o seu consumado tacto politico.

No dia seguinte, o *Diario do Governo* trazia, nem mais nem menos do que dois decretos, em que se fallava do conselheiro Fonseca, um nomeando-o nosso embaixador e ministro plenipotenciario junto de Sua Magestade britannica, outro agraciando-o com o titulo de conde de Sendim, em attenção ás suas elevadas qualidades e aos relevantes serviços prestados ao paiz.

E d'ali a dias o conde de Sendim e a sua loura governanta partiam para Londres, tendo antes d'isso o conde ido a sua terra, despedir-se de sua filha e de sua mulher, muito surprehendida e muito contrariada mesmo, pobre senhora, chã e simples campônia abastada, ao achar-se um bello dia transformada em condessa.

E d'este dia em diante, era uma vez um Fonseca!

(Continua).

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

VICENTE LINO PATRICIO ALVARES

Tem uma vida curta, mas honrada e dignissima. E' um rapaz ainda, porque conta apenas 37 annos, mas tem já exercido cargos importantes, revelando sempre um alto bom senso, que nem sempre é apanagio dos mais velhos, e uma intelligencia vigorosa, alliada a um espirito trabalhador e activo, que não constituem dotes muito vulgares nos tempos que vão correndo.

Vicente Lino Patricio Alvares foi nomeado em 1870, pelo fallecido ministro Rebello da Silva, guarda-mór da Relação de Loanda; e o modo porque desempenhou esse cargo, no exercicio de

varias commissões de que o incumbiram, valeu-lhe o ser agraciado com o habito de Christo. Mais tarde foi despachado director da alfandega de Guiné, sendo depois transferido para director da alfandega de S. Thomé, logar que exerce ha mais de dez annos, a contento de todos os governos e merecendo sempre a estima de todo o commercio d'aquella ilha.

Os seus importantes serviços em S. Thomé teem sido reconhecidos no ministerio da Marinha, e galardoados com as commendas de Christo e da Conceição. Além d'estas veneras, possui a cruz do merito naval, de Hespanha.

Patricio Alvares é um cavalheiro completo e um excellente amigo. Além de todas as qualidades apreciaveis do seu alevantado character, tem uma bem proeminente—o amor da familia.

VISCONDE DE SEABRA

Completo ha pouco os seus 88 annos este sabio author do codigo civil, a quem ninguem ousou ainda disputar a palma como jurisconsulto, este venerando velho cuja existencia inteira tem sido consagrada a bem servir a patria.

Os serviços relevantissimos prestados pelo visconde de Seabra ao seu paiz são conhecidos de todos e fallam mais alto do que nós o poderiamos fazer.

Carreira mais brilhante ninguem poderia offerer-lhe em paralelo.

Obreiros tão prestimosos da causa da liberdade, poucos poderão ser apontados.

Talento mais privilegiado e mais provado nas lides do povo, na tribuna parlamentar, na cultura das lettras e das sciencias, nenhum outro ha ahi, que possa avantajarse-lhe.

Antonio Luiz de Seabra, visconde de Seabra, concluiu em 1820 a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra. Um anno depois era nomeado juiz de fóra de Alfandega da Fé, e prestava, no exercicio d'este cargo, assignalados serviços á causa da liberdade.

Em agosto de 1825 foi provido no logar de juiz de fóra de Montemor-o-Velho, onde servio até maio de 1828, epoca em que, tendo logar a revolução liberal do Porto, organisou um corpo de cavallaria, que commandou, indo servir sob as ordens do general Saraiva.

Durante esta campanha assignalou-se pelo seu valor, entrando no ataque da Cruz dos Mourouços; defendeu a margem direita do Mondego, e, pouco depois, combateu na acção de Marnel. Depois da retirada do general Saraiva, teve ordem de recolher ao Porto com os voluntarios, e não tendo a revolução encontrado eco na maior parte do paiz, emigrou com as tropas liberaes para a Galliza.

Estes acontecimentos valeram-lhe a demissão do logar que occupava, um processo e o sequestro de todos os seus bens.

A sua permanencia na Galliza foi pouco duradoura: d'ali seguiu com muitos emigrados para a Inglaterra, e depois para a Belgica e França, onde se occupou no ensino da menemotechnica e da ethenographia com tal distincção que os jornaes francezes d'esse tempo não puderam deixar de registrar os applausos e louvores que a cada passo o nosso illustrado compatriota ia conquistando.

Regressando a Portugal em 1833, foi nomeado corregedor de Alcobaca por D. Pedro, e teve de pegar novamente em armas, para repellir as forças inimigas, que ali pretenderam entrar. Passado algum tempo, o governo nomeou-o, successivamente, corregedor de Moncorvo e procurador regio junto á Relação em Castello Branco e na Relação de Lisboa.

Nas primeiras eleições geraes a que se procedeu, depois de terminada a lucta entre D. Pedro e D. Miguel, foi o sr. Seabra eleito deputado por Villa Real.

Em 1836 foi nomeado juiz da Relação de Lisboa, sendo em seguida transferido para a do Porto. Achava-se o nobre jurisconsulto n'esta ultima cidade, quando rebentou a revolução popular, que se oppoz ao golpe de estado de 6 de outubro de 1846. Organizada a junta revolucionaria, foi encarregado da pasta do reino, merecendo geraes louvores no desempenho d'esta missão.

Depois da revolução de 1851, foi eleito deputado; e organiado o ministerio regenerador, foi-lhe confiada a pasta da justiça, que abandonou pouco depois, por uma questão de dignidade.

Por esta occasião foi-lhe offerido pelo presidente de conselho de ministros, duque de Saldanha, um logar no conselho de estado, que o sr. Seabra recusou, bem como não acceitou a nomeação de presidente da Relação do Porto, para que fóra despachado.

Tendo sido, em 1849, encarregado de escrever o projecto do codigo civil, aproveitou esta occasião para dar impulso a esta obra collossal, que é o seu maior padrão de gloria, e que o colloca a par dos primeiros jurisconsultos do mundo culto.

Em 1857 publicou o sr. Seabra o seu projecto, que depois de varias revisões foi convertido em lei, por carta regia de 22 de setembro de 1867.

Por esta epoca havia sido nomeado reitor da universidade de Coimbra, cargo de que se desempenhou brilhantemente.

Em janeiro de 1868 voltou a ser nomeado ministro da justi-

ça, elaborando diversos decretos d'alta valia. Infelizmente para o paiz, a sua permanencia nos conselhos da corôa foi curta.

O sr. visconde de Seabra foi nomeado conselheiro do supremo tribunal de justiça, sendo-lhe concedida a aposentação em 1878.

Foi elevado ao pariato em 1862, tem a gran-cruz de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia, é commendador e gran-cruz da ordem brasileira da Rosa, e recusou a gran-cruz de S. Thiago, que lhe fóra conferida por occasião da approvação do seu projecto de codigo civil.

Foi tambem nomeado socio da Academia real das sciencias, e de outras sociedades litterarias e scientificas de diversos paizes, e é cadete honorario do regimento de dragões de Minas Geraes no Brazil.

Não nos sobeja o espaço para fallar das suas obras como escriptor, que são muitas e valiosas, attestando todas ellas o vigor do seu talento robustissimo.

PONTE DE VALENÇA DO MINHO

Esta magnifica ponte, que liga Portugal á Hespanha, magestosamente lançada sobre o rio Minho, foi inaugurada com grande pompa no anno proximo passado. E' toda de ferro, tem dois taboleiros, e duas galerias lateraes, para o transito de peões, e assenta sobre quatro grossos pilares de cantaria.

Um pouco á direita da ponte, do lado de Hespanha, fica a cidade de Tuy, n'uma elevação de terreno, como se vé da nossa gravura.

Dirigio a construcção d'esta bella ponte o distincto engenheiro portuense, sr. Justino Teixeira.

OS MACACOS DO JARDIM DO JACINTHO DO AMBRIZ

Serpa Pinto falla muito d'estes macacos, d'este jardim e d'este Jacintho, no seu livro, *Como eu atravessei a Africa*.

Vejamos o que elle escreve sobre o assumpto:

«No dia 11 d'agosto de 1877 fui visitar a importante propriedade fundada pelo celebre Jacintho do Ambriz, e hoje pertença do seu filho Nicolau. Esta propriedade representa um dos maiores esforços feitos na provincia d'Angola, para o desenvolvimento da agricultura.

Jacintho do Ambriz foi levado á Africa por uma desgraça intima. Filho do povo, sem a menor instrucção, não sabendo mesmo ler ou escrever, mas dotado de uma razão clara, de um espirito fino, e de muita felicidade, chegou a fazer uma grande fortuna. Jacintho casou no Ambriz com uma mulher da sua igualha. Era a tia Leonarda, mais conhecida por *tia Lina*, natural da Beira Baixa.

Um dia, o nosso homem, depois de fazer commercio com os brancos no Ambriz, em quanto sua mulher o fazia com os pretos, deu em ser lavrador. Comprou terreno e lançou os fundamentos d'essa vastissima propriedade, que é digna de ser visitada, e á qual dedicou o seu trabalho e a sua bolsa até ao ultimo momento de vida que teve.»

Uma das coisas que mais impressionou Serpa Pinto, foi a grande quantidade de macacos existentes no Jardim de Jacintho.

A nossa gravura representa uma arvore frondosa do referido jardim, em cujos ramos se vé um numero prodigioso d'aquelles animaes.

PHILARÉTE OUCHKA E OS SEUS TRES FILHOS

Philaréte Ouchka, chamado o Menor, foi um celebre aventureiro que existio em tempos na Russia e que ali chegou a fazer-se passar por santo, sob a protecção do arcebispo de Moscow, Philaréte, cujo nome usava.

O famoso *santinho* levantou um eremiterio em Troitsa, e ganhava a vida distribuindo imagens de santos e cruces, a rasão de dois *kopeks* a peça, pelas casas de Moscow. Além de fazer este commercio, abençoava os ingenuos, recebendo d'elles, em troca das benções, avultadas esmolas.

Philaréte o Menor chegou a depositar dinheiro nos bancos.

Um bello dia, porém, morreu o arcebispo de Moscow, seu protector, e com esta morte acabaram as especulações do celebre ermitão. O successor d'aquelle metropolitano, julgando o procedimento do *santinho* prejudicial á religião, declarou-se lhe hostil. Sem tentar defender-se, Philaréte abandonou a cidade, disse adeus ás suas piedosas fundações e marchou para a aldeia do Thelgovo, na provincia de Toula, onde fundou um novo convento, e onde morreu passados alguns mezes, contando 66 annos de idade.

Os dois mosteiros edificadas por este cenobita estão hoje occupados por numerosas comunidades.

A nossa gravura representa Philaréte o Menor, rodeado de



OS MACACOS DO JARDIM DO JACINTHO DO AMBRIZ

seus tres filhos, tres robustos rapagões de barbas compridas e vererandas.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Aqui esta ave é bebida—1—2.
Nota esta ave esta outra—1—2.
Na musica bebe-se este fructo—1—1.

I. L. PERPETUA.

Soja este animal esta deusa—1—2.
Este appellido e este vaso é madeira—1—2.
Caminha este pronome e suspende esta moeda—1—1—1.
Aqui, este homem é animal—1—2.
Olhei este artigo e este nome n'este instrumento—1—1—2.

Caldas.

ERNESTO A. FERREIRA.

CHARADA EM VERSO

Quando eu era pequenino,
Que maligno!
Mais travesso eu era então,
Já jogava co' a priminha,
Coitadinha,
Este jogo. Brincalhão!...—2

Cresci eu e cresceu ella,
Meiga e bella,
Recresceu nossa affeição.
E depois (porque casamos)
Viajamos
Té um golpho d'outra nação.—2

Agora, falta o conceito;
Mas o geito
E' que falta, meu ladino.
No entanto, sempre digo,
Caro amigo,
Ser do sexo feminino.

Leiria.

M. MONTEIRO JUNIOR.

Carta enigmatica

Meu caro—1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8,

Sei que, desde que fostes a uma festa que costuma realizar-se annualmente em 1, 2, 6, 7, 8—2, 4, 2, 3, 8—te dás com um tal 1, 8, 2, 3, 5, 1, que é 4, 2, 6, 5, 7, 2, e segundo me affirmaram é 7, 3, 2, 1, 7, 5.

Fica sabendo que uma vez, na 1, 5, 3, 3, 2, de 4, 8, 6, 1, 2, 6, 7, 8, apanhou d'esse 4, 2, 3, 8, 7, 8, o meu 4, 2, 6, 8,—3, 8, 4, 2, 8, que tu bem conheces, uma 7, 8, 1, 2, que podes crer foi de 4, 2, 8, de 4, 5, 1, 7, 3, 5

De outra vez, me lembro eu, roubou elle a uma pobre vendadeira 7, 3, 5, 1—3, 8, 4, 2, 6, 1, e como ella gritasse, atirou-lhe com um 5, 6, 8, 3, 4, 5—3, 2, 7, 8, que elle tinha 4, 8, 3, 7, 8.

9, 8—5, 6, 7, 2, 6, 7, 8, será bom que não mostres 5, 1, 7, 2, ao 1, 8, 2, 3, 5, 1, porque apesar de 4, 2, 6, 5, 7, 2, póde-me 7, 8,

1, 2, 3, e eu, apesar de ser 2, 4, 2, 6, 7, 5 dos trabalhos agricolas, só do que não gosto é de apanhar castanha.

Dispõe do teu amigo,
2, 6, 7, 2, 8, de 4, 8, 3, 2, 5, 1.

MATHEUS JUNIOR.

Enigmas



SALTO DE CAVALLO

gra	a	co	Des 1	te,	ria	li	ra
rôa	glo	da	çada	tte	cra	é	ria
men	va	por	tro,	es	dos	den	da,
da	por	xo	da	nhos	das	lhas	in
que	de	veja,	con	pi	bai	tinua	loiro
fo	estão	en	gu	do	a	san	mente
entan	fron	in	que	Vis	a	dos	te
gem-	de	Benal	sin	for	can	con	felizes

Começa na casa n.º 1.

I. L. PERPETUA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Sapador—Tamarinho—Armando—Corsario—Enviolar—Sipó—Talapão.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Iola—Vicente.

DA CHARADA EM TRIANGULO:—

C a r a c a r a
a c a c a l e
r a b i ç a
a c i c a
c a ç a
a l a
r e
â

DA CHARADA CONJUGADA:—Corpete.

DO LOGOGRIPO:—Dorpató.

A RIR

Um dito de mademoiselle Lili, no salão materno, diante de grande numero de visitas:

—Tu és muito feliz, mamãzinha!

—Porque, minha filha?

—Porque se te doessem os dentes, como ao padrinho, poderias logo tiral-os sem auxilio do dentista. São postiços!...

Dialogo matrimonial:

—Sei tudo, Laura... Abusaste indignamente da minha con.

fiança e trahiste os teus deveres, atraçoando-me com o Athanasio!...

—E' verdade, meu amigo. Mas o pobre rapaz tem tanta affeição por ti, é-te de tal forma dedicado, que não tive forças para lhe recusar coisa alguma!...

UM CONSELHO POR SEMANA

PÓS DE ARROZ PARA A BARBA

Lança-se em uma vasilha de barro novo, 6 litros d'agua, a que se junta 1 kilo de arroz limpo e escolhido. Conserva-se este na agua 2½ horas e decanta-se.

Repete-se a operação tres vezes, secca-se a massa resultante n'um crivo, ao sol, piza-se em almofariz de marmore e peneira-se por panno de linho fino.

Cada qual pode deitar depois, nos pós, o perfume de que mais goste.

A MACACA

A Macaca era uma rapariguita de 15 annos, filha de uns pobres campones de Villa Franca, ilha de S. Miguel. Chamavam-lhe a macaca, mercê da excessiva fealdade com que a natureza a dotára no rosto, porque o resto do corpo era um esplendor em pujança de carnes e harmonia de linhas. Desenvolvidissima para a sua idade, era uma mulher perfeita, na amplitude dos quadris, na extraordinaria exuberancia dos seios, na força herculea de que era dotada.

Trigueira, quasi mulata, a bocca rasgada e sensual, os labios delgadissimos e sarcasticos, os dentes agudos e finos. O nariz afilado, medonhamente cynico. Os olhos ferozes e garços, de lobo, de um lume abrazador, de uma insistencia assassina. Olhos que não perdoam, que nunca se desviam, vejam o que virem.

Caía-lhe o cabelo até aos pés, quando o desatava em desalinho premeditado, á j-nella ou no banho da praia. Um cabelo preto, ondeado, com reflexos metallicos. No banho, que tomava com o maior descaramento diante de toda a gente, era o espanto geral.

Baixa de corpo, com uma cara de uma mobilidade assombrosa de expressão, mercê da grande exuberancia de vida nervosa que lhe dominava o organismo de fogo. Isto, junto ao seu relaxamento moral, tinha-lhe valido a alcunha pittoresca de Macaca, allusão ferina do grande juiz implacavel—o povo.

Effectivamente, quando a Macaca (já agora tratada-hei pelo appellido) ria, a larga bocca rasgada quasi até ás orelhas, mostrando francamente os dentes e cravando o seu olhar vivo sob uma testa saliente, tinha uma singular parecença com o mammi-fero com que o humorismo popular a havia comparado.

A rapariga parecia, porém, não se embaraçar com as pican-tes criticas do publico, ou porque fosse insensivel ou debochada. O certo é que o seu viver nada tinha de regular. Contavam-se ás duzias os individuos de todas as edades, que tinham tido com ella relações das mais intimas. Na villa, a indignação lavrava alto, junto aos deuses lares das matronas austeras.

Aberdado o padre cura, para apertar na confissão a desal- mada rapariga, caiu o excellentes homem nos conselhos das pes- soas piedosas, que pensam pouco em si e muito nas ruindades do proximo; e quando pela quaresma a ouviu de confissão, com- metteu a imprudencia de não se fechar no confissionario. Ouviu-a de cadeira, como, de resto, era seu costume. O pobre cura era astmatico, e como o clima insulano é quente, entendeu que não devia juntar á espiga de confessar as ovelhas do seu rebanho, o tormento de se deixar abafar dentro do confissionario.

Ouviu pois de confissão a Macaca, sentado commodamente n'uma cadeira, tendo-a ajoelhada diante de si, muito aconchega- da, apertando-a quasi entre os joelhos, aspirando-lhe o perfume da carne fresca e saudavel, admirando-lhe as mãos rechonchu- das e pequeninas e os seios de uma pasmosa redondeza. Seios denunciante.

Instigado pelo dever e pelas rogativas dos seus freguezes, apertou com perguntas escabrosas a rapariga. Em taes pontos lhe tocou, que a penitente, ou por ignorancia ou por malicia, er- gueu para elle os olhos humidos e provocantes. E como o padre parasse de subito, tomado de surpresa, desceruzou os braços roli- ços e admiravelmente bem feitos, e cingiu a cintura do confes- sor, obrigando-o a curvar-se como um viúve até tocar com a fron- te na testa d'ella. Em seguida collou os labios aos do padre e deu-lhe um beijo formidavel.

Isto foi feito com tal rapidez e valentia de musculos, porque a Macaca era dotada de uma força extraordinaria, que o pobre cura não pode dizer—agua vae.

Duas beatas que estavam a pequena distancia, viram e ouvi- ram tudo. De olhar espavorido, farejando o escandalo, com os rosarios pendentes, ficaram estarecidas e o tronco erecto como dois cepos, no meio da igreja.

O padre, voltando a si do assombro, apercebeu-se de que era espiado, e erguendo-se pallido de colera, a voz suffocada por um forte ataque d'asthma e indignação, levantou o braço e com o fu- ra-bolos estendido solememente, apontou para a porta da rua, á penitente descarada que o beijocara em... sagrado.

A Macaca, humilde e matreira como verdadeira mulher já conhecedora do coração humano, saiu furtivamente, mas ao trans- por a porta do templo, voltou-se de chofre, encarou pela ultima vez o padre, e sorriu-se, com o seu sorriso singular.

Não esperava de certo o cura por esta segunda investida, por que pareceu cair fulminado na cadeira e desatou a tomar pi- tadas, furiosamente, revolvendo com os dedos nervosos a ampla caixa de tartaruga.

* *

Deu sonoro brado em toda a villa a aventura do padre, e era todo o beaterio de parecer que devia ser interdicta a igreja. Não foi d'esse juizo o cura, homem de meia idade, ainda muito fresco e ardente, que desejou saber se os beijos espontaneos da sua penitente, dados fóra da igreja, teriam o mesmo sabor.

E soube-o de mais; soube-o repetidas vezes, com escandalo geral de toda a villa.

Passou por uma transformação a Macaca. O padre era reme- deado de haveres e logo vestiu e calçou de finissima lã e esguião a sua amante,

Se até ali a rapariga era tentadora, com o bom passadio e melhor agasalho tornou-se um prodigio plastico.

Mandam, porém, as leis canonicas, que os ministros do Senhor vejam só com os olhos, limitando ao exercicio do primeiro sentido do corpo as suas investigações profissionaes. Não o ignorava o cura, mas a carne é fraca e o exemplo é forte. Por exemplo, en- tende-se o que praticava o reverendissimo ouvidor ecclesiastico e o proprio bispo.

Se vozes de burro não chegam aos ceos, chegam com tudo á cadeira episcopal; e o amoroso cura teve quem lhe alagasse o idyllio.

Baixou provisão famosa, em que havia suspensão de missa e exercicio do cargo, mandando-se pela ouvidoria instaurar proces- so. Era a ruina, a miseria, a desgraça social.

Houve consulta entre os dois. Foi de parecer a Macaca, que emigrassem para a America, clandestinamente, roubando a igre- ja, e levantando, por um emprestimo hypothecario particular, todo o dinheiro possivel, sobre bens immoveis.

Assim se fez. A Macaca arranhou-se com um capitão inglez de um dos muitos navios que vinham ao porto carregar laranja, e n'uma bella noite, foi mais o padre á igreja, roubaram todos os objectos de valor, o cofre das esmolos, e safaram-se para bordo. No dia seguinte o navio levantava ferro tranquillamente.

Quando se deu pelo desaparecimento, todos se perderam em conjecturas, porque a ilha tem muitos portos e d'elles saem na- vios para diversas procedencias.

* *

Decorreram 15 annos. O sol de uma manhã de verão enchia de scintillações prateadas as ondas. Saíam para a pesca, velas enfonadas, os barcos tripulados de robustos mocetões semi-nús e alegres. O ar, leve e transparente, beijava os rostos picantes das creanças, em estylo paradisiaco, que saltavam na areia.

Subito para o sul, dobrou a Ponta da Galé um navio elegan- tissimo, correndo a todo o panno. Em menos d'uma hora estava no porto. Era branco e dourado o costado, o arvoredado de finissi- ma madeira envernizada e as ferragens de uma riqueza espan- tosa. Na extremidade da verga da vela grande do mastro de ré, pendia a bandeira americana.

Pasmavam á roda do *yatch* os catraeiros. O que viria fazer ao porto da villa aquelle navio?

A auctoridade sanitaria e os empregados d'alfandega corre- ram em tropel, picados de curiosidade, a visitar o navio. Apenas o delegado de saude e alguns aduaneiros mais antigos haviam transposto o portaló, recuaram assombrados. Na sua frente, ap- pareciam a fazer as honras do navio, os dois fugitivos—a Macaca e o padre cura, vestidos com o mesmo trage que ha 15 annos usa- vam na villa!

Foi com um sorriso galante e no mais harmonioso portu- guez, que a Macaca convidou as auctoridades e os curiosos que as acompanhavam a visitarem o *yatch*. Uma maravilha. Cabines forradas de seda côr de rosa e guarnições de prata. Estufas nos salões, com plantas raras. Aquarium com peixes exóticos. Sala d'armas onde a azagaia selvagem se cruzava com o espadim pala- ciano. Canhões Armstrong nas baterias, etc.

De volta a terra, correu a nova espantosa, e toda uma romaria de curiosos foi a bordo. Choviam as esmolas aos pobres e as offertas aos ricos. A Macaca, fabulosamente rica e proprietaria de navios e plantações de canna no novo mundo, esposa do ex-padre cura, transformado em commodoro da marinha de guerra americana, por ter feito a campanha separatista, era o assumpto de todas as conversações.

Tão irritantes novidades feriram o tympano da digna auctoridade ecclesiastica, e como velho odio não cança, o antigo ouvidor preparou uma cilada á Macaca e ao seu cúmplice no roubo do egreja.

obligou-os a parar e leu o famoso mandado de prisão. A multidão rodeava-os.

—O commodoro nem pestanejou, e respondeu no mais puro inglez:

—*I do not understand y. u.*

E proseguiu o seu caminho, sem lhe ligar a menor importancia.

O imprudente ouvidor intimou então aos officiaes que o agarrassem, mas a um signal de commodoro, que não o perdia de vista, os marinheiros engatilhando os rewolvers, fizeram um movimento envolvente e cercaram os cabos de policia, os officiaes de diligencia e o cuvidor. Então o ex-cura, sem largar o braço de



PHILARÉTE OUCHKA E OS SEUS TRES FILHOS

O sacristão foi, porém, a bordo, prevenir a illustre americana... e receber um punhado de dollars.

No dia aprasado pelo ouvidor para a prisão, desembarcou a Macaca e o ex-cura, no meio das ondas de curiosos, como costumavam. O ouvidor, que julgava o seu plano perfeitamente em segredo, rodeou-se de 4 cabos de policia e 2 officiaes de diligencia, e armado do mandado de prisão desencantado no archivo criminal, adiantou-se para o caes e saiu ao encontro dos forasteiros.

A' vista das suas victimas desenhou-se-lhe um enorme espanto na physionomia doentia. O ex-cura trajava a farda de commodoro e espada, e dava o braço á Macaca, elegantemente vestida pelo ultimo figurino. Atraz d'elles, 10 marinheiros armados de revolver e faca.

Tudo isto indicava claramente que eram cidadãos americanos, mas o ouvidor não hesitou, e atravessando-se-lhes na frente,

sua esposa, deu meia volta á direita, poz-se á frente do pelotão e dirigiu-se para o barco, a pequena distancia na praia. Tudo isto foi feito com extraordinaria rapidez.

O commodoro, á força de remos, ganhou o *yatch*, e lá, imitando a tatuagem dos indios, mandou pôr em bellas letras azues indelevels, na testa do ouvidor e na de cada um dos outros homens que o acompanhavam, a palavra—tolo.

Em seguida a esta viagança á americana, enviou-os para terra e levantou ferro para o novo mundo.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica